

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

A IMPORTÂNCIA DO PETRÓLEO

Nos últimos cento e cinquenta anos transformaram-se inteiramente as condições de vida do homem. Até então o poder humano era quase tão limitado como nos mais recuados tempos da história. Não era possível fazer ouvir palavras humanas mais longe do que a distância alcançada pela voz. Não podia produzir-se uma luz que iluminasse mais longe que as chamas de uma fogueira. Ninguém podia deslocar-se mais depressa do que um cavalo ao galope, e a única maneira de percorrer rapidamente grandes distâncias era fazer substituir com frequência os animais utilizados. No Inverno, não só as guerras tinham de ser interrompidas, mas a própria vida social, fora das capitais, sofria grandes limitações — como acontecia nos climas nórdicos desde os tempos mais primitivos.

A vida que era já então difícil, mesmo para o abastado, tornava-se amarga para o pobre, exaustiva e quase invariavelmente curta.

Conquanto no passado tenha havido «Idades de Ouro» cujo reflexo brilhante perdura ainda através dos séculos, foram sempre idades de oiro para alguns apenas, nunca para a maioria — muitas vezes, na verdade, à custa desta. Não que isto resultasse da crueldade ou dureza de coração desses poucos, mas porque, de facto, fosse qual fosse a idade de oiro de então, só era pos-

dois passos verdadeiramente grandes no caminho do progresso — o aeroplano e o automóvel.

A importância do avião reside principalmente na sua velocidade: desloca-se sem a fricção inevitável do movimento sobre a terra e sem a resistência oferecida pela água — graças a ele se alcançaram velocidades superiores à do som.

O automóvel apresenta-se-nos com um carácter completamente diverso — a sua importância reside no facto de ser acessível a qualquer particular.

Todos os grandes progressos em transportes durante o século XIX nos deram transportes públicos — mas o automóvel trouxe ao homem, pela primeira vez na história, a realidade de um meio de transporte pessoal e particular, ao alcance de pessoas de recursos modestos, e do qual o homem vulgar e a sua família podem deslocar-se rapidamente, e com independência, através do mundo.

A ansia do homem moderno em possuir um automóvel não é a simples cobiça de um objecto elegante que dê nas vistas, nem tão pouco o desejo de fazer grandes viagens — o que vê nele é um aumento das suas capacidades, um acréscimo de liberdade.

O voo e o maior poder de deslocação individual são, pois, os mais espectaculares benefícios trazidos pelo petróleo. Apesar da existência



Servindo a Lavoura O TEMPO

CARO LAVRADOR:

Manifestaste-me há tempos o desejo de te dedicares na tua propriedade à cultura de árvores de fruto e pediste-me, por isso, alguns conselhos.

Como a ainda deves lembrar-te, fiz-te um longo questionário sobre as condições do terreno na tua propriedade, sobre as tuas intenções de escolha das fruteiras, e, como tens algumas árvores dispersas nos teus terrenos, pedi-te para me dizeres como elas se comportam. Disseste-me então que tinhas uma grande predileção pelas macieiras e laranjeiras e que, por tua vontade, seria sobre essas espécies que receria a tua escolha. Infelizmente — dizias tu — eram justamente estas árvores que mais mal se davam na tua propriedade. Lembra-te também, certamente, que te disse que nada podia aconselhar de uma forma definitiva sem ver e por isso prometia que faria uma visita à tua propriedade logo que me fosse possível.

Estive lá há poucos dias e, embora não te encontrasses em casa, entrei e fui ver... Meu caro amigo!... não me digas que as tuas árvores se dão mal nos teus terrenos!... Com o que se dão mal, mas muito mal, e com os tratamentos que tu lhes dás. Que desolação!... Como queres que elas se deem bem? São cortes à machada do tipo derrubador de pinheiros, são pancadas de enxadas, raspagem dos troncos com o arado, pernadas esgalhadas, feridas de calçado brochado sobre os ramos na altura da colheita, etc. Foram estas as causas das principais podridões que tu vês nos ramos, nos troncos e que vão em alguns casos até à raiz e que aceleraram a decrepitude e a morte de muitas das tuas árvores.

Foi então por isto que deduziste que as macieiras e laranjeiras não se dão nos teus terrenos?

As árvores que te dão as belas frutas que tu tanto aprecias não aparecem nos campos como te aparece o tojo nos pinhais. Deram muito trabalho a criar e foi por vezes necessário dispensar-lhe cuidados extremos. Não podes, pois, tratá-las como tratas os pinheiros que te nascem espontaneamente no mato e deves cuidá-las com carinho se queres que te recompensem com as suas magníficas e generosas produções.

Lembra-te que a casca dos ramos e do tronco de uma árvore está para a planta assim como a tua pele está para o teu corpo. Se fazes uma arranhada e tens «na carnadura» — como é hábito dizer-se — forma-se uma ferida maior e arranja uma infecção. Assim é como as árvores que são mais ou menos sensíveis às podridões conforme as espécies e as variedades. As feridas das árvores em que já se manifestaram podridões podem ser desinfectadas depois de convenientemente tratadas. Isto é geralmente trabalho para um especialista, mas o que é necessário é evitares as feridas e, quando tuahas absoluta necessidade de as fazer,

como é o caso das podas, não deves deixar de proteger os cortes, depois de bem alisados, com um unguento de enxertador ou pelo processo que a seguir te indico.

Compras uma pequena porção de alvaide de zinco numa drogaria e junta-lhes um pouco de óleo de linhaça numa quantidade suficiente para lhe dar a consistência de uma tinta de óleo vulgar; com um pincel pintas, sem deixar escorrer, os cortes depois de alisados, mas só fazes isto uns oito dias depois da poda e por tempo seco. Verás o óptimo resultado que tiras desta simples operação.

Também me pediste que te indicasse alguns livros ou folhetos de carácter práctico pelos quais pudes aprender a tratar das tuas árvores de fruto. Está bem. Depois de teres instalado o teu pomar, indicar-te-os-ei.

Estou de acordo que precisas de aprender a tratar das fruteiras para poderes cultivá-las mas, permite-me que te diga, antes de aprenderes a cultivar árvores precisas de aprender a ter o culto da árvore.

Sem isso não te dediques a pomares.

(Transcrito do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa).

ANEDOTAS

História de focas

A mamã foca diz ao filho:

— Bem, agora é preciso decidir o que vais fazer no futuro — ou estudas para equilibrista ou te transformas em pele.

História de actor

Um velho comediante mostra, muito compungido, a um amigo, a participação da morte de um tio que acaba de receber e na qual figura, como participante, ao lado de outros membros da família:

— Tem paciência, meu caro, não estejas assim abatido! — diz-lhe o amigo para o consolar.

— O caso não é para menos! Vê o miserável tipo de letra com que eles inscreveram o meu nome.

História de divórcio

No tribunal: — O juiz pergunta à interessada:

— Quanto tempo esteve casada?

— Da última vez ou no total?

História de restaurante

— O vinho está turvo! — diz, furioso, o cliente para o eriado do restaurante, que responde sem perder a calma:

— Admira-me, pois só vendemos vinhos de primeira qualidade!

E, sempre sólicito, acrescenta:

— De resto, como V. Ex.^a poderá verificar, o copo é que está sujo!

MODELOS DE DUAS PEÇAS

Estão muito em voga vestidos de decote redondo, mangas de quimono e duas peças. Isso permite que o vestido possa ser usado, em corpo, à noite, e, durante o dia com um bolero.



Assim, o vestido de cima é de lã, cor de rosa e azul, tem um

quando vestido, torna o conjunto muito gracioso.

O modelo em baixo apresenta-se com bolero, sendo a gola e os punhos soltos. Um lacinho de veludo preto, aligeira o conjunto.

A Definição duma Variável

Aproveitar o tempo!
Mas o que é o tempo para que eu o aproveite?

ALVARO DE CAMPOS.



Uma prevenção ao leitor, antes de irmos mais longe: a falta de tempo é para mim um problema ainda mais grave do que a falta de dinheiro. É por isso que não estou disposto a gastar muito tempo no escrever deste artigo, apesar de reconhecer que da sua leitura se poderá tirar, a par de benefícios de vária ordem, um enorme prazer espiritual.

Devo mesmo pôr as cartas na mesa e avisar de que não tive tempo para pensar bem o que irei escrever; tenho no entanto a intenção de fazer uma análise serena, como a brisa deste mês, fria como os lagos italianos e profunda como as fossas abissais do Pacífico, especialmente a NE das Filipinas.

Propenho-me analisar as diferentes formas por que se encara o tempo, desde a atitude sovina de o aproveitar até à criminosa atitude de o matar.

Gramaticalmente divide-se o tempo em «passado», «presente» e «futuro», mas, infelizmente, não estou em condições de me servir desta classificação porque não sei nada de gramática. Sei da classificação meteorológica do tempo em «bom tempo», «mau tempo» e «tempo assim assim»; da classificação sentimental em «bons tempos» e «maus tempos», e ainda da classificação social em «tempo de crise» e «tempo das vacas gordas». No entanto, não vou referir-me em detalhe a nenhuma dessas classificações porque assim como eu as sei sabe-as toda a gente.

Se o dia é do sol e não houver tempo, toda a gente dirá que faz «bom tempo». Já o ler poesia (da moderna ou da clássica, tanto faz) ou ver uma fita do Charlot, será para muita gente «passar o tempo», para alguns será «aproveitar o tempo» e para outros será simplesmente «perder tempo». É aqui, onde a dúvida surge, que vale a pena acampar.

Ao longo das sucessivas experiências em que andamos desde o acontecimento notável do nosso aparecimento no mundo, vamos escalonando e classificando as diferentes actividades que, condicionados pelo meio que nos rodeiam, desenvolvemos, e, assim, vamos construindo uma escala de valores que passamos a aplicar na apreciação de novas actividades ou situações.

E nesta «escala de valores» é que está o problema. É que ninguém gosta de *whisky*, nem de pasta de anchovas, nem de Picasso, a primeira vez que os prova. É preciso insistir, perseverar, aperfeiçoar a sensibilidade, que é uma coisa que ninguém sabe onde fica mas que se treina como se fosse um músculo. É com o exercício, pe-

noso por vezes, que aprendemos a gostar do amargo, quer nas anchovas, quer nos filmes de Charlot.

Quem aprendeu a gostar de *whisky*, de poesia moderna ou de futebol, alargou a capacidade de sintonizar em várias bandas, deixou de apañar apenas ondas médias, como os rádios antigos e, sendo capaz de se entusiasmar em ondas curtas ou longas, aumentou a probabilidade de ocupar o tempo com bons programas.

Só vale a pena falar nisto porque vivemos num mundo cheio de confeitarias e onde se come um bife com batatas fritas quando se vai almoçar fora. Por mim, prefiro a aventura do «prato do dia» porque sempre fica a aventura mesmo que o prato não preste.

Que tem isso que ver com ganhar ou perder tempo? Pode ter, como nos malmesqueres, muito, pouco ou nada; depende do comprimento de onda, mas, francamente, parece-me que não tem nada.

P. S.: — Eu devia ter referido que o tempo transforma a geometria em cinemática, os meninos em homens e, depois de ligado ao espaço, a mecânica clássica em relatividade. Só o não fiz porque não tive, de todo, tempo para isso.

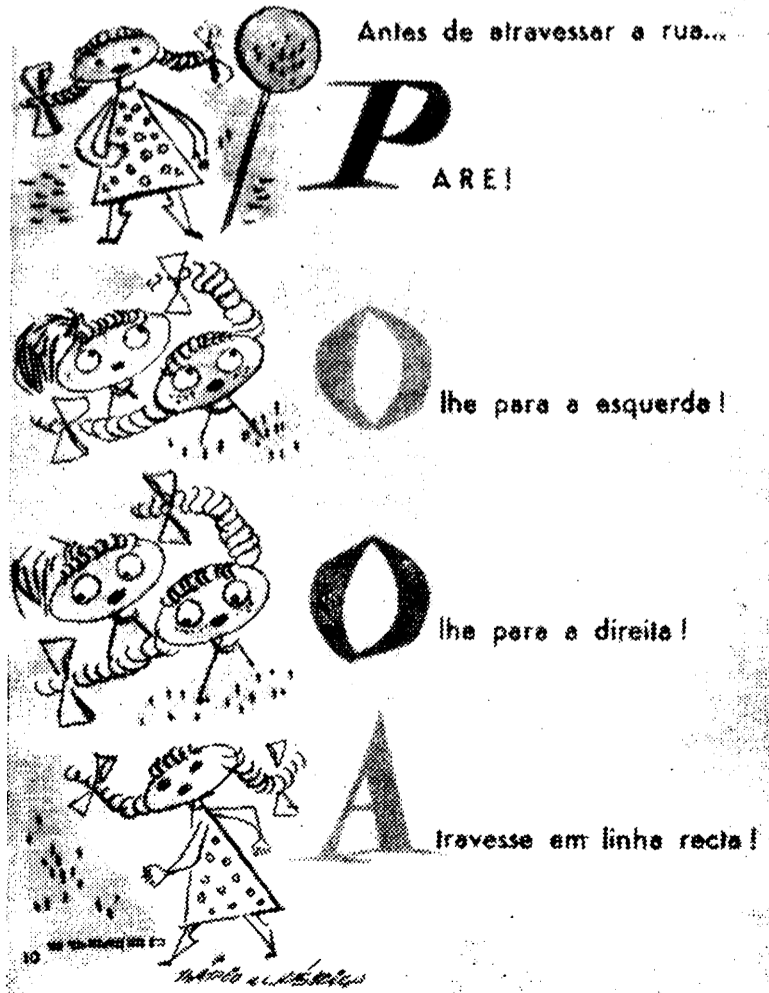
C. B.

SABIA QUE?...

... há prospectores cuja missão é «voltar o nariz» ao seu trabalho? Algumas refinarias empregam homens para procurar cheiros nas instalações e suas imediações. Logo que encontram qualquer cheiro desagradável comunicam o facto à refinaria para que os peritos possam localizar a sua origem e fazê-lo cessar.

... as vendas de detergentes sintéticos nos E. U. A., representaram, em 1955, cerca de 60 % do consumo total de todos os sabões e detergentes. A percentagem equivalente, para a Grã-Bretanha, foi de 37 %?

CONSELHOS SOBRE O TRÂNSITO



Antes de atravessar a rua...

PARE!

Olhe para a esquerda!

Olhe para a direita!

Atravesse em linha recta!

DESPORTO

E choveu torrencialmente...

Aguardava-se, com ansiedade, o Vitória-Salgueiros. Aguardava-se em todos os sectores do Clube — no atlético, para demonstração da capacidade que se possuía; no associativo, pelo regalo que poderia constituir o embate entre duas forças do cimo da tabela; no directivo, pela possibilidade que havia em alcançar, além dum bom resultado, uma receita que possibilitasse desafogo económico, de que o Clube tanto carecia.

De todos esses anseios, dois deles foram realmente atingidos. O Vitória realizou uma exibição que agradou a todos aqueles que à mesma assistiram. Ficaram satisfeitos atletas, técnico e adeptos pela demonstração cabal de possibilidades futuras e pelo regalo que constituiu o decorrer de quase todo o encontro.

Sómente ficou por atingir o desejo dos Dirigentes. — Um encontro que esperançava uma receita valiosa, redundou num resultado económico vulgar.

Bem sabemos que não se pode culpar ninguém, a não ser a real força da Natureza. Mas aconteceu o contratempo e, o que é necessário, é que todos o atinjam naquilo que pode resultar de difícil para a vida da agremiação.

O conceito desenvolvido tem a sua razão de ser. É que muitos, ou pelo menos uma grande parte, não compreendem, no momento psicológico, o que um facto desta natureza constitui de contrariedade para quem tem a função de dirigir e, necessariamente, de cumprir.

A todos os adeptos do Vitória agradou a exibição da sua equipa. Mas como seria ela se, em vez daquele Campo *lamacento*, o Vitória pudesse actuar num terreno relvado, com boa drenagem das águas das chuvas?

Muitos adeptos do Clube vimaranense não foram ao jogo, preferindo ouvir o relato através da Rádio, no aconchego da sua casa ou na comodidade dum Botequim. E do mesmo modo quantos salgueiristas não se deixaram ficar pelo Porto, evitando assim uma molhadela até aos ossos. Mas, se o Vitória pudesse jogar num Estádio, com uma bancada espaçosa e coberta, a receita do encontro viria a ser certamente muito diferente daquela que foi obtida. Não seria assim?

A necessidade do Estádio Municipal patenteia-se a todo o instante. Mas o encontro de domingo veio trazê-la ainda mais à evidência.

O futuro Estádio de Guimarães já se desenha, bem próximo do actual campo da Amorosa. A nossa Câmara já dispendeu, na aquisição dos terrenos necessários, quantidades valiosas que é de evidenciar. Mas há necessidade, necessidade urgente de abreviar a Obra, de a fazer rapidamente, pois sómente depois dela poder ser utilizada pelo Vitória é que o nosso primeiro Clube terá a vida desafogada que lhe possibilita engrandecimento certo.

O Presidente da Câmara de Guimarães é frequentador certo e assíduo dos jogos da Amorosa e, com certeza, ainda no último domingo teve, como nós, os pensamentos que não quisemos deixar de registar aqui.

UM DE NÓS.

A Maratona do Futebol Nacional

Vitória, 4 — Salgueiros, 1

Exibição convincente da equipa vimaranense

O Vitória, no último domingo, convenceu todos os seus adeptos. Se ainda havia alguém menos crente, ficou necessariamente convencido da capacidade actual da equipa do Vitória. O seu jogo, no terreno *lamacento* da Amorosa, foi acutilante, de maneira a destruir todas as possibilidades acalentadas pelo seu adversário.

De tudo isto resultou ouvir-se troar entusiasticamente os aplausos dos vimaranenses à sua equipa. Foi esta, pelo brío da sua exibição, que tirou da letargia os seus simpáticos e levou-os a comportarem-se como é necessário que sempre aconteça.

Os três golos iniciais, feitos de jogadas geniais, na primeira vintenas de minutos, criaram a convicção de que o Vitória tinha equipa para realizar o grande feito. Os jogadores já acreditavam em si, mas precisavam que os seus adeptos lhe tributassem o carinhoso aplauso que estimula e revigora.

O público do Vitória foi atrás do valor da sua equipa e do resultado animador que ela estava a construir e ajudou-a depois a actuar, durante o resto do encontro, sempre com a mesma desenvoltura.

Eis o melhor exemplo que se pode tirar de tudo que ocorreu, na Amorosa, no último domingo! Que os adeptos do Vitória nunca mais esqueçam a lição que tão bem receberam!!

Técnicamente, havia a dizer-se deste encontro tanto, que encheria as colunas do jornal. A equipa do Vitória, integrada agora no sistema futebolístico que o seu actual treinador lhe ministrou desde o início da actual época, destruiu totalmente o sistema defensivo do seu adversário.

As trocas de lugares entre os elementos do quinteto avançado, não se sabendo, a não ser pelo número das camisolas, quais o avan-

çado-centro, os interiores ou os extremos, criou espaços vastos que, se não fôra o *lameiro* da Amorosa, tinha possibilitado um resultado final que ecoaria, na Imprensa, como um verdadeiro estrondo.

Toda a equipa esteve porém certa. Da defesa, passando pelos médios, até aos avançados já referidos, todos contribuíram para a boa exibição do conjunto. Dois nomes porém há que pôr em realce — são eles, Bártolo e Rola, verdadeiramente excepcionais na sua exibição.

Fica este jogo Vitória-Salgueiros como marco rutilante da participação do Vitória na prova decorrente e, o que mais desejamos, é que ele seja o sinal frutuoso dos triunfos consecutivos e necessários que levem a equipa ao lugar que é primeiro anseio de todos os desportistas vimaranenses.

Ficha do jogo — Vitória: Silva, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Auleta; Bártolo, Barros, Ernesto, Rola e Benje. Salgueiros: Barrigana, Figueiredo e Chau; Porcel, Mário e Germano; Lalo, Rosa, Teixeira, Tai e Pintos. Árbitro: Herminio Soares, de Lisboa.

Marcaram os golos, Rola, Bártolo e Ernesto, na primeira parte, para o Vitória, e Lalo, para o Salgueiros; o golo da segunda parte, foi obtido por Barros, de grande penalidade.

Resultados gerais da jornada: Vitória, 4-Salgueiros, 1; U. Coimbra, 2-Gil Vicente, 1; Peniche, 3-Tirsense, 0; Chaves, 1-Braga, 6; Vianense, 2-Boavista, 1; Leixões, 4-Marinense, 1, e Espinho, 1-Sanjoanense, 2.

A jornada de hoje, última da primeira volta, compo ta os seguintes jogos: Tirsense-Vitória; Gil Vicente-Peniche; Salgueiros-Vianense; Boavista-Leixões; Marinense-Chaves; Sanjoanense-U. Coimbra, e Braga-Espinho.

Um grande número de adeptos vimaranenses deve acompanhar a sua equipa à vizinha vila de Santo Tirso. Esperamos que do apoio dos adeptos do Vitória e da real capacidade demonstrada pela equipa vimaranense se consiga mais um resultado, que será também mais uma passada firme no caminho do Clube, neste difícil campeonato da II Divisão.

L. R.

Campeonato Regional de Juniores

Terminou, no último domingo, a *poule* de apuramento da Zona B, deste campeonato. Os seus últimos resultados foram: Vitória, 7-F. C. de Fafe, 0 e D. F. Holanda, 1-S. C. de Fafe, 1.

Estes dois resultados confirmam a evolução das duas equipas vimaranenses na prova — uma no sentido progressivo, em melhoria evidente, a do Vitória; outra devalorizando-se progressivamente, a dos *escolares*.

Terminado o torneio, a sua classificação, pelo menos para já, foi a seguinte: D. F. Holanda, 8 p. (16-4); S. Fafe, 8 p. (15-4); Vitória, 8 p. (16-11) e F. Fafe, 0 p. (1-29).

Como esta classificação serve para apurar dois concorrentes da Zona A, tem de se fazer nova classificação entre as três equipas empatadas com 8 pontos, nos jogos entre si. Ei-las: D. F. Holanda, 4 p. (8-4); S. F., 4 p. (4-4) e Vitória, 4 p. (6-10). Disto tudo resultaria que os apurados da Zona A seriam o D. F. Holanda e o Sporting de Fafe. Dá-se, porém, o caso de os *escolares* terem alinhado, no jogo Vitória-F. Holanda, com um jogador faltoso ao Centro de Medicina Desportiva, o que implica falta de comparência, no referido encontro. Em virtude deste último facto, segundo voz corrente, mas que nós não afirmamos ser a verdadeira, os *escolares* serão eliminados, beneficiando do facto o Vitória. Aguardemos porém a resolução superior sobre o assunto, lembrando sómente que foi um *frango*, dos autênticos, do guarda-redes dos *escolares*, que criou toda esta confusão, se é isso que se lhe pode chamar...

Campeonato Regional de Reservas

Felizmente a Associação de Futebol de Braga resolveu-se a realizar novamente o Campeonato Regional de Reservas, uma prova que fazia falta no calendário associativo, pela possibilidade de pôr em actividade grande quantidade de jogadores que se obrigavam a ficar parados, quanto atingiam a idade de não poderem alinhar em Juniores. Não sabemos a quem cabia a responsabilidade de não realização deste torneio, mas ficou demonstrado que, pelo menos, não era aos clubes, pois, anunciada a prova, nela se inscreveram e concorreram 6 equipas. São organizadas duas *poules*, uma constituída pelo Vianense, Gil Vicente e Monção e outra pelo Vitória, Sporting de Braga e F. C. de Fafe, que apurará duas equipas em cada uma, para disputarem finalmente entre si o título regional.

Campanha de Fim de Ano

(16 de Novembro a 31 de Dezembro)

GAZCIDA



oferece
gratuitamente

UMA GARRAFA C/ 13 KGS. DE GAZCIDA A TODOS OS NOVOS CONSUMIDORES QUE ADQUIRAM APARELHAGEM DE USO DOMÉSTICO!!!

10% de Desconto s/ o preço de venda de FOGÕES, ESQUENTADORES PARA BANHO, etc.

5% de Desconto s/ o preço de venda de CALORÍFEROS!

Também beneficiarão deste bônus os antigos consumidores que adquiram nova aparelhagem.

Os descontos que estamos concedendo não incidem s/ o preço dos fogões «Wamsler».

AGENTES:

TEIXEIRA & FREITAS, LIMITADA

L. NAVARROS DE ANDRADE — TELEF. 4547 — GUIMARAES

Grande Feira de Calçado 1956

Com início no dia 24 de Novembro, até ao fim do ano, mil e quinhentos pares de sola e borracha, aos mais baixos preços, põe a

CASA CONFIANÇA
ao dispor de V. Ex.ª.

Fabrico garantido. Fácil de concertar.

Sapatos em sola para homem	115\$00
Sapatos em borracha para homem	115\$00
Botins sola e meia	170\$00
Botins borracha	170\$00
Sapatos para criança	50\$00

No interesse de V. Ex.ª não deixe de visitar a Grande Feira de Calçado da

CASA CONFIANÇA
JOSÉ MARIA MACHADO DA SILVA
RUA DA RAÍNSHA, 70 — GUIMARAES 650

V. Ex.ª não necessita de consultar!...

Para as suas compras de TUBOS GALVANIZADOS só UMA Firma lhe poderá servir!

A ÚNICA Firma deste concelho que se dedica à **importação** directa de **tubos de parede normal** poderá servir V. Ex.ª aos melhores preços com garantia de entrega de tubos de **parede normal**... os únicos que lhe garantem duração e resistência.

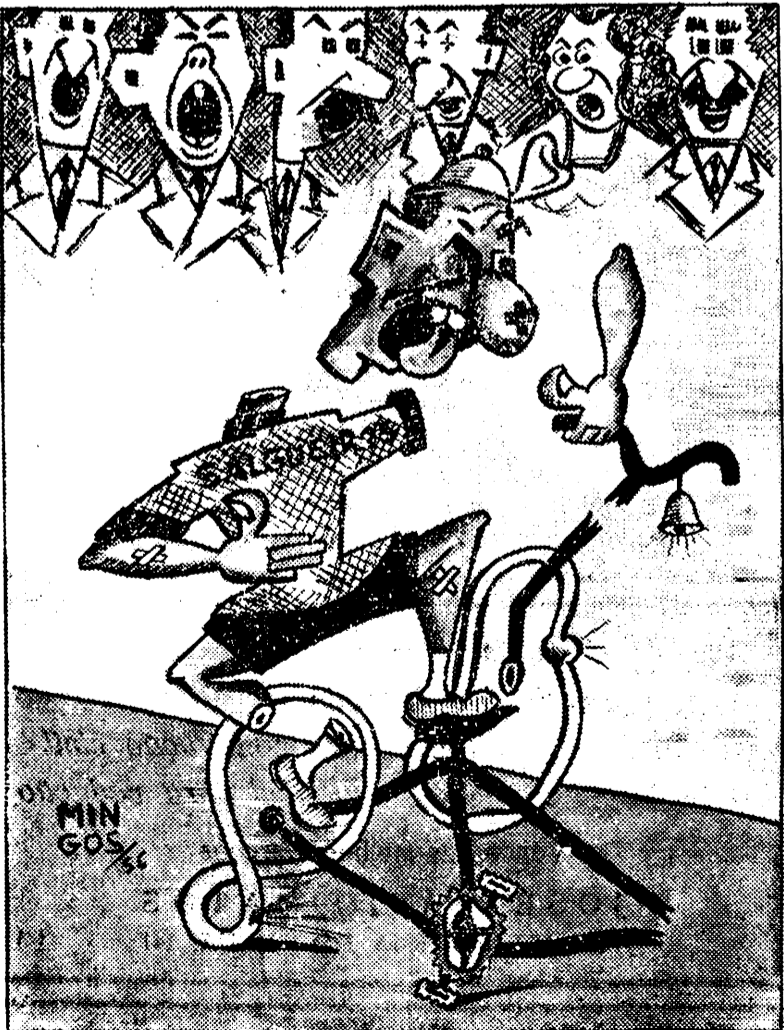
NÃO ESQUEÇA...
A Competidora de Representações, L.ª
RUA DA RAINHA N.º 115 (Provisoriamente) — TELEF. 4523 8
Brevemente com novas instalações no Largo João Franco

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental» — e «poupará tempo, arrelias e dinheiro!»
A «Intercontinental» reúne secções especializadas de: Passagens de avião, navio e comboio, em qualquer companhia e para qualquer destino; Passaportes individuais e colectivos; Vistos consulares; Organização de excursões dentro e fora do país; Seguros e fotocópias; Moedas e notas de qualquer país; Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30011 — PORTO (Ao cimo da Av.ª dos Aliados) 626



O Salgueiros além de furar, partiu-se todo em Guimarães.